

ISSN 0101- 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 131

MARÇO DE 2003



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Ciotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Professora Solange Medina Ketzner

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Paulo Roberto Girardello Franco

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Helena Wilhelm de Oliveira

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial**para Assuntos Lingüísticos**

José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezorena

Conselho Editorial**para Assuntos Literários**

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Domínguez de

Rodríguez Pasquês, Regina Zilberman,

Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,

Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual - Preços 2003:

Brasil_ _ _ _ _ R\$38

Exterior_ _ _ _ _ US\$4

Número avulso_ _ _ _ _ R\$12

Formas de pagamento:

Cheque nominal à

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

www.pucrs.br/edipucrs/

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não se devolvem, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPEC

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras

PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.: 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82/89

ISSN 0101-3335

Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos de lingüística,
literatura e língua portuguesa

TRABALHOS DO XV ENCONTRO DA ANPOLL: GT DE TEORIA DA GRAMÁTICA

Junho de 2000

Universidade Federal Fluminense, Niterói RJ

organização:

CARLOS MIOTO (UFSC)

MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA (UFSC)

SERGIO MENUZZI (PUCRS)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCRS

Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 38, nº 1, p. 1-275, março, 2003

Sumário

Apresentação <i>Os organizadores</i>	5
As sentenças encaixadas do Português do Brasil, vistas sob a ótica da Gramática Gerativa <i>Evani Viotti</i>	13
Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos <i>Sonia Maria Lazzarini Cyrino</i>	31
Objetos nulos e clíticos ausentes no Português do Brasil: Comentários a Cyrino 2000 <i>Lucia Maria Pinheiro Lobato</i>	49
EPP generalizado, sujeito nulo e línguas de configuração discursiva <i>Maria Aparecida C.R. Torres Morais</i>	71
A natureza do sistema pronominal no PB e no PE: comentário a Torres Morais <i>Maria Cristina Figueiredo Silva</i>	99
Anaphora and genericity in Brazilian Portuguese <i>Ana Müller</i>	109
Sobre as opções anafóricas para antecedentes genéricos e para variáveis ligadas: comentários a Ana Müller <i>Sergio Menuzzi</i>	125

Aquisição da linguagem: novos modelos e velhas análises? <i>Ruth E. Vasconcellos Lopes</i>	145
A propósito do artigo "Aquisição da linguagem: novos modelos e velhas análises", de Ruth Lopes <i>Miriam Lemle</i>	167
Estratégias para a aquisição do acento primário em PB <i>Raquel Santos</i>	171
Aprendendo o sujeito nulo na escola <i>Telma Moreira Vianna Magalhães</i>	189
Em direção a uma explicação da alternância verbal dos verbos psicológicos <i>Rozana Reigota Naves</i>	203
Verbos possíveis <i>Paulo Chagas de Souza</i>	215
Construções com o verbo leve <i>dar</i> no Português Brasileiro e a hipótese sintática de base predicativa de Borer <i>Ana Paula Scher</i>	227
Constituintes verbais como tópicos em Português Brasileiro <i>Ana Cláudia Pinto Bastos</i>	237
Aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas <i>Heloisa Maria Moreira Lima Salles</i>	251
A ilha factiva: seu caráter nominal <i>Marina R. A. Augusto</i>	267

Apresentação

Este volume compila a grande maioria dos trabalhos apresentados por membros do GT de Gramática durante o XV Encontro Nacional da ANPOLL, que se realizou na Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), em junho de 2000. Embora já estejamos longe cerca de dois anos daquele encontro, acreditamos que a qualidade dos trabalhos lá apresentados era tal que eles mereciam publicação. Mais que isso: para testemunho da riqueza e da dinâmica daquele encontro, que ficou marcado entre os membros do GT como um encontro extremamente estimulante, achávamos que o ideal seria tentar publicar *todos* os trabalhos em um só volume. A oportunidade demorou um pouco, mas apareceu, e eis que o volume que queríamos agora sai neste número da Letras de Hoje.

O conjunto de trabalhos que aqui aparecem é de natureza e temática diversa. Originalmente, foram participações em mesas inter-GTs (o artigo de Evani Viotti), trabalhos apresentados em mesas "internas" ao GT, discussões destes últimos, ou ainda trabalhos apresentados em uma sessão de painéis. Assim, não há propriamente unidade temática no todo. O que os agrupa é o que agrupa os membros do GT: o enfoque gerativista para questões lingüísticas, especialmente de sintaxe. De qualquer modo, procuramos organizar o volume pondo lado a lado artigos que tratam de temas similares, e isso teve como resultado, é claro, reproduzir parcialmente a organização do encontro de Niterói.

O primeiro artigo do volume é o de autoria de Evani Viotti, que, como dissemos acima, foi originalmente apresentado numa mesa-redonda inter-GTs intitulada "Contribuições para a Descrição do Português: Articulação de Orações", da qual também participaram Maria Helena de Moura Neves, Ingedore Villaça Koch e Maria da Conceição de Paiva. O texto de Evani Viotti, "As sentenças encaixadas do português do Brasil, vistas sob a ótica da gramática gerativa", oferece uma boa retrospectiva de pesquisas

sobre sentenças encaixadas no português brasileiro desenvolvidas durante as décadas de 80 e 90, no quadro gerativista. Por ter sido apresentado em uma seção inter-GTs, procura pautar com clareza as questões teóricas relevantes para o programa de pesquisa gerativo e apontar o papel que os dados do português brasileiro teria na discussão da teoria propriamente dita.

A seguir, aparecem quatro artigos, escritos por Sônia Cyrino, Lúcia Lobato, Maria Aparecida Moraes Torres e Maria Cristina Figueiredo Silva, todos originalmente apresentados na mesa sobre "Linguística Histórica" e todos endereçados a uma das questões mais debatidas no estudo recente da sintaxe do português brasileiro [PB] – a evolução diacrônica de seu sistema pronominal e sua relação com a reorganização da sintaxe da oração no PB.

Em seu artigo, intitulado "Para a História do Português Brasileiro: a Presença do Objeto Nulo e a Ausência dos Clíticos", Sônia Cyrino reavalia a questão da relação entre o desaparecimento dos pronomes átonos de 3ª pessoa e surgimento de uma nova opção de anáfora em PB, o chamado "objeto nulo". Sua principal conclusão é a de que os dois processos são independentes entre si, embora sejam ambos regidos por um mesmo "princípio" gramatical, o princípio "Evite Pronome", originalmente proposto por Chomsky (1981). O principal argumento de Sônia Cyrino reside no fato, que procura demonstrar, de que nem todos os clíticos estariam desaparecendo no PB – o que indicaria que a presença dos "objetos nulos" não depende da ausência de um sistema de clíticos.

Lúcia Lobato discute estas e outras propostas do artigo de Sônia Cyrino em "Objetos Nulos e Clíticos Ausentes no Português do Brasil: Comentários a Cyrino 2000", apontando como questões em aberto: (a) como se dá a interação dos vários mecanismos gramaticais invocados por Cyrino na explicação do licenciamento dos objetos nulos – movimento de V para uma categoria funcional apropriada, hierarquia de referencialidade e o princípio "Evite Pronome"? (b) não seria possível interpretar a ocorrência de "sobrevivência" de alguns pronomes átonos como transitória, reflexo de uma mudança em andamento mais do que um sistema estável? Na última seção de seu artigo, Lúcia Lobato ainda esboça brevemente uma análise alternativa do licenciamento dos "objetos nulos" do PB, procurando sustentá-la com dados adicionais da comparação entre o PB e o português europeu [PE].

O artigo de Maria Aparecida Torres Moraes, intitulado "EPP Generalizado, Sujeito Nulo e Línguas de Configuração Discursiva", trata das mudanças que afetaram a manifestação dos sujeitos pronominais em PB e o modo de explicar tais mudanças dentro dos limites do programa minimalista. A autora adota a hipótese, comum na literatura sobre o assunto, de que a perda das propriedades de língua de sujeito nulo pelo PB seria resultado de mudança morfológica que afeta a flexão de concordância dos paradigmas verbais, e teria tido como consequência o desenvolvimento de "pronomes livres fracos", como propôs Mary Kato recentemente. A segunda metade de seu artigo procura indicar as linhas gerais sob as quais estas hipóteses poderiam ser incorporadas no quadro mais recente do programa minimalista (Chomsky 2000, 2001), sugerindo ser a discussão especialmente relevante para a hipótese da parametrização da propriedade EPP e do papel desta propriedade no licenciamento de configurações que recebem interpretações "marcadas" do ponto de vista discursivo.

O artigo de Maria Aparecida Torres Moraes que aqui aparece é substancialmente diferente de sua contribuição original no encontro de Niterói; é esta última, entretanto, que é o objeto de discussão de Maria Cristina Figueiredo Silva em "A Natureza do Sistema Pronominal no PB e no PE: Comentário a Torres Moraes". O ponto fundamental de debate neste artigo é a idéia, freqüente na literatura sobre o PB e o PE e presente no trabalho original de Torres Moraes, de que haveria uma caracterização específica de diferentes tipos de "línguas orientadas ao discurso", e que a tipologia resultante explicaria um conjunto de contrastes entre o PB e o PE – em especial, diferenças no que diz respeito ao sistema pronominal e à expressão oracional de funções discursivas como "tópico" e "foco". Maria Cristina Figueiredo Silva observa, entretanto, que as diferenças relevantes entre PB e PE parecem estar fundamentalmente associadas à participação de elementos pronominais nas estruturas que expressam "tópico" e "foco", concluindo que talvez a tipologia de "línguas orientadas ao discurso" seja supérflua – possivelmente, as diferenças cruciais entre o PB e o PE se reduzam a diferenças no sistema pronominal.

Os dois artigos seguintes do volume, de autoria de Ana Müller e de Sergio Menuzzi, foram originalmente contribuições à mesa temática sobre "Anáforas". O artigo de Ana Müller, "Anaphora and Genericity in Brazilian Portuguese", explora propostas

recentes sobre a semântica de diferentes tipos de sintagmas nominais [NPs], especialmente dos chamados "NPs genéricos" (como *um executivo* ou *o oportunista*), em face de propriedades anafóricas do PB. Especificamente, o artigo parte da observação feita pela própria autora e por Esmeralda Negrão em Müller & Negrão (1996) de que as formas *ele* e *dele* teriam uma interpretação estritamente referencial – por oposição à interpretação de variável ligada – e mostra como isto levanta certos problemas para as análises correntes da semântica de NPs genéricos (Heim 1982, Carlson 1977, 1982). Ana Müller procura oferecer soluções compatíveis com tais análises; por exemplo, ela argumenta que, quando vinculado a um antecedente genérico indefinido, o pronome *ele* deve ser "focalizado", em cujo caso é interpretado como se estivesse em uma estrutura existencial.

Em "Sobre as opções anafóricas para antecedentes genéricos e para variáveis ligadas", Sergio Menuzzi procura, de um lado, sugerir modos de verificar as hipóteses de Ana Müller, entre os quais estariam alguns testes de "focalização". Além disso, o artigo também discute a observação de Müller & Negrão (1996) de que as formas *ele* e *dele* teriam uma interpretação estritamente referencial, por oposição à interpretação de variável ligada. Sergio Menuzzi argumenta que a observação é um "efeito de otimidade" de uma condição que, na verdade, regula a interpretação de variáveis ligadas: em línguas em que há alternância entre formas anafóricas "econômicas" como *pro* e suas correspondentes "menos econômicas" – por exemplo, *ele* –, as formas econômicas são preferenciais na interpretação de variável ligada.

A próxima série de artigos corresponde à mesa temática sobre "Aquisição". O artigo de Ruth Lopes, "Aquisição da Linguagem: novos modelos e velhas análises?", traz para a discussão a questão de o Programa Minimalista ser visto como um "desenvolvimento natural" do quadro anterior; assim, as análises minimalistas de modo geral – e em particular as análises em aquisição da linguagem – têm na verdade "traduzido" observações de um quadro para outro, perdendo de vista a nova agenda de pesquisa que o programa de pesquisa coloca. Miriam Lemle, em seu breve comentário ao artigo de Ruth Lopes, reforça este ponto, enfatizando uma sugestão recente de Chomsky (2001) que chega a ser paradoxal do ponto de vista de modelos anteriores: a de que o Estado Inicial da Faculdade de Linguagem – daquele conhecimento que seria especificamente lingüístico e cuja caracterização foi o objetivo último de décadas de pesquisa – seria "vazio"...

Também originalmente uma contribuição para a mesa sobre "Aquisição", o artigo de Raquel Santana dos Santos, "Estratégias para a aquisição do acento primário em PB", trata de aspecto diverso da aquisição lingüística, a aquisição do conhecimento fonológico, e o foco empírico de sua discussão serve de contraponto para o caráter epistêmico-metodológico dos artigos sobre a aquisição da sintaxe. Raquel Santana dos Santos mostra que, durante a aquisição, a criança usa várias estratégias para se aproximar do que é o algoritmo de acentuação do PB adulto, lançando mão de informações acentuais disponíveis em outros domínios prosódicos como pistas para a aquisição do algoritmo de acento primário.

Todos os demais artigos do volume foram apresentados, no encontro de Niterói, como painéis. "Aprendendo o Sujeito Nulo na Escola", de Telma Moreira Vianna Magalhães, também versa sobre a aquisição da linguagem e apresenta os resultados de pesquisa quantitativa sobre a relação entre processo de escolarização e uso de sujeitos nulos. Telma Magalhães demonstra que o uso de sujeitos nulos na escrita tem forte influência da escola, o que indicaria a forte orientação de mudança do PB em direção ao preenchimento obrigatório da posição de sujeito – inclusive para a 3ª pessoa, cuja taxa de nulos parece ser surpreendentemente alta em certos levantamentos (por exemplo, em Duarte 1993).

Os três artigos seguintes têm em comum o tema da estrutura de argumentos de diferentes classes verbais. O de Rozana Naves, "Em Direção a uma Explicação da Alternância Verbal dos Verbos Psicológicos", aborda a alternância na estrutura de argumentos que caracteriza uma das classes de verbos psicológicos, a daqueles que têm embutida a noção de causatividade (*preocupar*, por exemplo). A alternância diz respeito ao fato de o objeto-experienciador poder aparecer como sujeito se o sujeito-causador não for expresso ou aparecer como um PP. O resultado desta alternância é que, com sujeito-causador, a leitura é causativa e, com sujeito-experienciador, a leitura é estativa. Para Rozana Naves, esta segunda leitura, ao contrário da primeira, deriva do fato de haver co-referência entre o sujeito-experienciador e o DP objeto, representado pelo clítico *se*, que é a realização fonética dos traços formais que garantem a interpretação estativa.

Paulo Chagas de Souza, em seu texto "Verbs Possíveis", discute a proposta de Hale & Keyser (1993, 1997) com relação aos verbos derivados (*carimbar*, por exemplo), mostrando a inade-

quação dessa proposta, que procura reduzir operações sobre a estrutura argumental a mecanismos da sintaxe. A opção proposta por Paulo Chagas de Souza é por um quadro teórico que não reduza a semântica à sintaxe, como o de Pustejovsky (1995).

Em "Construções com o Verbo Leve *dar* e a Hipótese Sintática de Base Predicativa de Borer", Ana Paula Scher procura avaliar a hipótese de Borer face às construções do PB do tipo *dar uma olhada no bebê*. Para Borer, a descrição correta da inacusatividade e da inergatividade deveria se basear nas propriedades de todo o predicado, e não apenas nas especificações determinadas por um item lexical, em particular, as propriedades aspectuais do predicado seriam relevantes para a determinação de sua representação estrutural. A conclusão de Ana Paula Scher é a de que a natureza télica da construção do PB é um problema para a hipótese de Borer; além disso, também não é possível aplicar a elas a análise que Borer avança para as construções atélicas, dadas as propriedades do PP nesta construção.

Os três últimos artigos, também originalmente apresentados como painéis no encontro de Niterói, abordam temas diversos. O de Ana Cláudia Pinto Bastos, "Constituintes Verbais como Tópico em Português Brasileiro", trata das construções que apresentam um constituinte verbal na periferia esquerda da sentença, como *Formatar o disquete, o João formatou*. A autora distribui estas construções em três tipos, observando se o constituinte verbal periférico tem ou não argumento interno e se o argumento interno é ou não um DP nu. Aplicando testes elaborados para detectar o foco da sentença, Bastos mostra que o constituinte na periferia sintática é invariavelmente interpretado como tópico. O que existe de diferente dos tópicos usuais é que o constituinte verbal na periferia induz a uma leitura contrastiva.

Em "Aspectos da Sintaxe de Pré- e Posposições em Línguas Românicas e Germânicas", Heloísa Salles discute um fenômeno típico das línguas germânicas – chamado de *preposition* (ou P-) *stranding* – que se caracteriza por possibilitar o alçamento de uma expressão WH sem que a preposição seja alçada junto (como em *Who did Mary talk to?*). A autora procura estabelecer um contraste com o português brasileiro, como representante das línguas românicas, língua em que só é possível alçar a preposição junto com a expressão WH (*preposition pied-piping*). A explicação fornecida para esta variação paramétrica (e para a maior ou menor incidência de um ou outro fenômeno dentro das línguas germânicas) é construída sobre as propriedades formais de categorias funcionais.

Finalmente, em "A Ilha Factiva: seu Caráter Nominal", Marina R. Augusto procura comprovar o caráter nominal das ilhas factivas lançando mão de uma linha de argumentação completamente nova: partindo do trabalho de Nunes (2001) sobre entonação silabada e sugerindo alguns refinamentos à análise por ele proposta, a autora mostra que a entonação silabada se revela um teste eficaz para configurações de ilha e permite portanto uma caracterização mais precisa do que vem a ser uma "ilha factiva".

A nosso ver, a pluralidade de temas e questões que emergem destes artigos revela, sem sombra de dúvida, que o encontro de Niterói foi resultado de um GT de Teoria da Gramática extremamente ativo, cujo dínamo é o debate científico profundo. Encontros como este devem ficar registrados, e aqui está nossa contribuição. Esperamos que os próximos encontros do GT sigam a rota, e que futuros editores tenham a satisfação de organizar volumes como este. A lamentar temos apenas a ausência de alguns trabalhos apresentados em Niterói que, por razões diversas, não participam deste volume. São eles: as contribuições de Helena Britto e de Esmeralda Negrão à mesa temática sobre "Anáforas", e de Milton do Nascimento à mesa sobre "Aquisição"; e os painéis de Thaís Chaves, Lurdes Jorge e Márcia de Oliveira. Temos certeza que estes colegas estarão conosco numa próxima ocasião.

OS ORGANIZADORES.

As sentenças encaixadas do Português do Brasil, vistas sob a ótica da Gramática Gerativa*

Evani Viotti**

Resumo: Este trabalho faz uma retrospectiva de algumas pesquisas sobre sentenças encaixadas do Português do Brasil, desenvolvidas de meados dos anos 80 até hoje, dentro do âmbito da Gramática Gerativa. O artigo apresenta algumas das questões relativas a sentenças encaixadas que são relevantes para o programa de pesquisa da Gramática Gerativa e mostra como análises de características do Português do Brasil podem ajudar a esclarecer alguns pontos teóricos centrais do programa.

Palavras-chave: Gramática Gerativa. Sentenças Encaixadas. Extração. Deslocamento-à-Esquerda.

Abstract: This paper overviews some of the research on Brazilian Portuguese embedded sentences carried out from the mid-80's to the present date, within the framework of Generative Grammar. The article presents some of the questions regarding embedded sentences which are relevant for the research program of Generative Grammar, and shows how analyses of characteristics of Brazilian Portuguese can help shed light on some key theoretical issues of the program.

Keywords: Generative Grammar. Embedded Sentences. Extraction. Left-Dislocation.

* Este trabalho foi feito durante pós-doutoramento junto ao Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, financiado pela FAPESP (bolsa de pós-doutoramento no país número 99/10354-5).

** USP.

1 Introdução

Este trabalho é uma versão ampliada de uma apresentação feita por ocasião do XV Encontro Nacional da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística –, em uma mesa que tratava das contribuições de vários Grupos de Trabalho (GTs) para a descrição do português do Brasil, e, mais, especificamente, sobre a articulação de orações. Participaram da mesa os GTs de Linguística do Texto e Análise da Conversação, de Sociolinguística, de Descrição do Português e de Teoria da Gramática.

A tarefa de apresentar as idéias que vêm sendo trabalhadas por integrantes do GT de Teoria da Gramática a propósito da articulação das sentenças no português do Brasil exigiu que fossem feitas algumas opções. Primeiramente, o GT em Teoria da Gramática abriga pesquisadores que desenvolvem trabalhos em várias linhas de pesquisa de um campo maior, que tem sido chamado de Linguística Formal. Não seria possível apresentar aqui o tratamento que tem sido dado ao tópico em questão, dentro das várias vertentes teóricas que integram o GT. Assim, a minha primeira opção foi restringir o levantamento à pesquisa que vem sendo feita no âmbito da Gramática Gerativa de linha chomskyana.

Em segundo lugar, fazer uma lista de resenhas de todos os trabalhos que têm tratado da articulação de orações do português brasileiro, dentro da Gramática Gerativa, seria uma missão impossível, não só pelo número de trabalhos específicos sobre o assunto, mas porque o encaixamento de orações é fundamental para a formulação e testagem de hipóteses a respeito dos mais variados tópicos de interesse da sintaxe. Portanto, optei por abordar o tema a partir de algumas questões tradicionalmente colocadas no âmbito da Gramática Gerativa. Os trabalhos escolhidos para serem apresentados aqui são aqueles que mais claramente colocam certos dados do português do Brasil, relativos à articulação de orações, como um desafio ao tratamento que tem sido dado a essas questões, formulado a partir de fatos de outras línguas.¹

Dessa forma, este trabalho não pretende ser exaustivo, nem no que diz respeito a todas as vertentes teóricas que compõem o

¹ É preciso mencionar, ainda, que foram considerados apenas trabalhos publicados ou teses de doutoramento e livre-docência. Outros trabalhos consultados, como dissertações de mestrado e manuscritos, vão receber uma breve descrição em notas de rodapé. Devo esclarecer ainda que, dos trabalhos utilizados, foram pinçadas as partes relevantes para o assunto em discussão. Isso significa que o conjunto de hipóteses e dados aqui apresentados não podem ser encarados como um resumo dos trabalhos dos quais eles foram tirados.

GT em Teoria da Gramática, nem no que diz respeito a todos os trabalhos que se relacionam à articulação de orações, feitos no bojo da Gramática Gerativa. Para um levantamento mais abrangente, aponto o trabalho de Kato e Ramos (1999), a respeito dos 30 anos de Gramática Gerativa no Brasil.

Na seção 2, apresento algumas questões gerais sobre a complementação formuladas pela Gramática Gerativa e aponto algumas respostas que têm sido dadas a elas, com base no exame dos dados do português do Brasil. Na seção 3, menciono alguns trabalhos recentes que mostram algumas perspectivas possíveis de exploração deste tema dentro dos modelos mais recentes da teoria da gramática.

2 Algumas questões que se colocam no âmbito da Gramática Gerativa e o tratamento que tem sido dado a elas a partir do exame dos dados do português do Brasil

A articulação de orações é uma questão central em toda teoria sintática. Na Gramática Gerativa, seu estudo tem fornecido resultados interessantes. Uma primeira e óbvia consequência desse estudo é o estabelecimento da configuração sintática das sentenças encaixadas e das possibilidades ou impossibilidades que elas apresentam com relação à movimentação de constituintes para fora de seus limites. É nesse sentido que são relevantes para a teoria algumas oposições como:

- i. orações completivas vs. orações-adjunto;
- ii. orações-adjunto do verbo (ou da sentença) vs. orações-adjunto do nome (relativas);
- iii. orações completivas do verbo vs. orações completivas do nome;
- iv. orações completivas interrogativas vs. não-interrogativas.

Ainda são de extremo interesse as questões relativas a algumas dependências que se verificam entre a oração principal e a oração encaixada. Entre essas questões estão:

- i. as relações entre as propriedades seletivas do verbo da oração matriz e o tempo/aspecto/modo da oração encaixada;
- ii. as relações entre o tempo/aspecto da oração matriz e o tempo/aspecto/modo da oração encaixada;
- iii. as relações entre categorias vazias na posição de sujeito da oração encaixada e sintagmas nominais presentes na oração matriz.

A seguir, apresento alguns tratamentos dados a essas questões face aos dados do português do Brasil.²

9 Extrações e ilhas

Domínios de extração são um tema que tem ocupado lugar de destaque na Gramática Gerativa desde o trabalho de Ross, de 1967.³ Em inglês, a extração da posição de sujeito de sentenças completivas introduzidas pelo complementizador *that* ou por uma palavra-QU produzem resultados ruins. Em português, diferentemente do inglês, mas de forma semelhante ao italiano, é possível a extração a partir de todas as posições de uma sentença completiva introduzida por *que*. No que diz respeito às sentenças completivas introduzidas por palavra-QU, a extração é possível a partir das posições de sujeito e objeto, mas não a partir da posição de adjunto. Observem-se as sentenças em [1] e [2]:

- [1] a) O Pedro disse que a Joana comprou uma casa nova ontem.
b) Quem_i o Pedro disse que t_i comprou uma casa nova ontem?
c) O que_i o Pedro disse que a Joana comprou t_i ontem?
d) Quando_i o Pedro disse que a Joana comprou uma casa nova t_i?
- [2] a) O Pedro não sabe se a Joana comprou o livro ontem.
b) Quem_i o Pedro não sabe se t_i comprou o livro ontem?
c) O que_i o Pedro não sabe se a Joana comprou t_i ontem?
d) *Quando_i o Pedro não sabe se a Joana comprou o livro t_i?

Negrão (1999) sugere que o português do Brasil exibe uma outra possibilidade de extração, que parece não ser partilhada com outras línguas, que é a possibilidade de extração da posição de sujeito de orações relativas:

- [3] a) O médico disse que a comida_i que os animais comeram t_i estava estragada.
b) Que animais_i o médico disse que a comida_i que t_i comeram t_i estava estragada?

Negrão (1999) mostra que as análises que têm sido dadas para as diferenças entre o padrão do italiano e o do inglês, baseadas em Rizzi (1990), funcionam bem para os dados do italiano; também funcionam para o português do Brasil no que diz respeito às características de extração a partir das posições de objeto e adjunto de sentenças completivas. Entretanto, para a autora, as explicações dadas para as possibilidades de extração em português a partir da posição de sujeito de sentenças completivas introduzidas por *que* e por palavras-QU não são satisfatórias⁴. Negrão (1999) passa, então, a analisar, sob esta mesma ótica, a possibilidade de extração a partir da posição de sujeito, tanto de sentenças completivas introduzidas por *que* ([1b]), quanto por palavras-QU (ou, alternativamente, o complementizador *se* interrogativo, como em [2b]), e também as que ocorrem a partir da posição de sujeito de orações relativas, como em [3b]. Basicamente, seria esperado que estas últimas extrações fossem ruins porque o vestígio deixado pelo constituinte-QU movido não seria apropriadamente regido.

Baseada na proposta de Rizzi (1990), segundo a qual os complementadores podem ser tipologicamente divididos dependendo da combinação dos traços [$\pm wh$] e [$\pm predicativo$], Negrão (1999) propõe que o complementizador *que* do português do Brasil é subespecificado para o traço [$\pm wh$]. O valor *default* de *que* é [-wh], mas ele pode assumir um valor [+wh] quando uma palavra-QU se move para a sua posição de especificador, como na sentença [4]:

- [4] O que_i que o Pedro comprou t_i ontem?

Para a autora, a função do complementizador *que* é operar sobre o domínio sob seu escopo, transformando sentenças em predicados. Uma relação predicativa se estabelece, então, entre o predi-

² Gostaria de observar que todos os exemplos que aparecem neste texto são exemplos dos autores cujos trabalhos estão sendo apresentados. Os juízos de gramaticalidade também são deles e foram mantidos como nos textos originais, sem qualquer comentário adicional, uma vez que todas as explicações fornecidas pelos autores têm esses juízos por base.

³ Ross, J.R. (1967). Constraints on Variables in Syntax. Tese de Doutorado, Departamento de Linguística, MIT. Publicado como *Infinite Syntax!*, Norwood: Ablex (1986).

⁴ Exemplo baseado na sentença (13) do Capítulo 4 de Negrão (1999), que, por sua vez, é extraído de Lobato (1986:419).

Lobato, L. M. P. (1986) *Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte: Vigília.

Negrão (1999) comenta as explicações de Moreira da Silva (1983), Vitral (1992) e Figueiredo Silva (1996).

Moreira da Silva, S. (1983). *Études sur la Symétrie et l'Asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil*. Tese de Doutorado, Université de Paris VIII.

Vitral, L. (1992). *Structure de la Proposition et Syntaxe du Movement du Verbe en Portugais Brésilien*. Tese de Doutorado, Université de Paris VII.

cado sob o escopo de *que*, e qualquer sintagma que se encontre em sua posição de especificador. Quando um sintagma-QU é extraído da posição de sujeito e sobe para a posição de especificador do complementizador *que*, esse sintagma e esse complementizador entram em uma relação de concordância. Essa concordância transforma o complementizador *que* em um regente apropriado para o vestígio deixado pelo sintagma-QU movido. Assim, explica-se a gramaticalidade das extrações da posição de sujeito, em português brasileiro. Para Negrão (1999), essa relação de concordância é consequência da relação de predicação estabelecida entre o sintagma-QU, na posição de especificador do complementizador *que*, e o resto da sentença.⁴

2.2 Orações completivas e a distribuição sujeitos vazios e sujeitos plenos

Nos termos do modelo de Regência e Ligação da Gramática Gerativa, entendia-se que o nó Infl (flexão) de uma sentença abrangia traços [\pm Tempo] e [\pm Agr]. As línguas naturais variariam de acordo com a combinação desses traços e o consequente papel que tal combinação desempenharia com respeito às questões de regência e atribuição de Caso. Em inglês, por exemplo, se Infl fosse [+Tempo, +Agr], a posição de sujeito de uma sentença encaixada seria preenchida por um sujeito lexical, já que Infl estaria atribuindo Caso a essa posição. Se Infl fosse [-Tempo, -Agr], duas alternativas seriam possíveis: ou a posição de sujeito seria ocupada por uma categoria vazia do tipo PRO ou vestígio de NP (que não precisavam receber Caso), ou um mecanismo excepcional, como, por exemplo, o complementizador *for*, poderia licenciar um sujeito lexical. Para os fatos do inglês, essa análise dá bem conta da distribuição complementar que existe entre as orações completivas introduzidas por *that* e as orações infinitivas, no que tange ao preenchimento lexical da posição sujeito, dado o fato de as primeiras terem sujeitos lexicais e as segundas terem um sujeito vazio. Observem-se as sentenças em [5]:

- [5] a) We know that they bought a new house.
Nós sabemos que eles compraram uma casa nova.
 b) We want PRO to buy a new house
Nós queremos PRO comprar uma casa nova.
 c) We_i seem t_i to be out of cash.
Nós_i parecemos t_i estar sem dinheiro.

⁴ Sobre a análise de extrações em português do Brasil, especificamente sobre extrações a partir de ilhas factivas, ver Augusto (1994) e Augusto (em preparação).

Ao analisar as sentenças do português do Brasil, em [6],

- [6] a) Parece os embaixadores terem chegado a um acordo.
 b) Parece terem os embaixadores chegado a um acordo.
 c) *Parece os embaixadores ter chegado a um acordo.

Negrão (1986) observa que, já que nenhuma das três sentenças encaixadas tem um Infl [+Tempo], deve ser o traço [+Agr] de Infl que atribui Caso ao sintagma nominal em posição de sujeito. Observem que a sentença [6c] é a única que não tem concordância, e é a única que é agramatical. Dizer que [+Agr] é o traço responsável pela atribuição de Caso à posição de sujeito significa dizer que [+Agr] é o regente da posição de sujeito, uma afirmação que leva a prever que:

- i. os três tipos de complementos [+Agr] do português do Brasil, apresentados nas sentenças em [7] abaixo, devem ser intercambiáveis, no sentido de que eles devem apresentar a mesma distribuição:
 [7] a) Nós vimos as crianças jogarem bola.
 b) Nós queremos que as crianças conheçam o Rio de Janeiro.
 c) As crianças acreditam que os pais chegaram.
 ii. complementos [+Agr] constituem categorias de regência para a interpretação de anáforas e pronomes.

Entretanto, Negrão (1986) mostra que essas previsões não se confirmam para o português do Brasil. Com respeito à previsão (i), a autora mostra que verbos volitivos, como *tentar*, não aceitam o infinitivo flexionado, nem o indicativo em orações completivas introduzidas por *que*, diferentemente de verbos epistêmicos, como *acreditar*, que aceitam todas as possibilidades: Comparem-se os pares de sentenças em [8]:

- [8] a) Nós tentamos acabar o trabalho.
 a') Nós acreditamos ter acabado o trabalho.
 b) Nós tentamos que eles acabassem o trabalho.
 b') Nós acreditamos que eles acabassem o trabalho.
 c) *Nós tentamos eles acabarem o trabalho.
 c') Nós acreditamos eles terem acabado o trabalho.
 d) *Nós tentamos que eles acabaram o trabalho.
 d') Nós acreditamos que eles acabaram o trabalho

No que tange ao item (ii), se complementos [+Agr] são categorias de regência, uma anáfora que se encontre neste complemento [+Agr] deve ser ligada dentro desse domínio; já um pronome presente nesse complemento deve ser livre dentro dessa categoria de regência. Uma expressão referencial deve ser livre sempre.

Negrão (1986) mostra, no entanto, que essa previsão também não se realiza. Observem-se os exemplos em [9]:

- [9] a) A polícia forçou os manifestantes, [a Ø, saírem].
 b) *O governador forçou os policiais [a os estudantes saírem].
 c) *A polícia forçou os manifestantes, [a eles, saírem].

Se [+Agr] é considerado uma categoria da regência, não se pode explicar nem a gramaticalidade da sentença [9a], nem a agramaticalidade das sentenças [9b] e [9c]. Em [9a], a categoria vazia em posição de sujeito da oração não poderia ser considerada uma anáfora porque ela não estaria ligada em sua categoria de regência; e essa não poderia ser uma estrutura de controle, porque a posição de sujeito da oração encaixada é regida. Do mesmo modo, em [9b], qualquer expressão referencial como *os estudantes* deveria ser possível na posição de sujeito da oração encaixada, desde que não co-referencial com nenhuma outra expressão referencial presente na estrutura. E [9c], uma oração encaixada com um pronome em sua posição de sujeito, deveria ser possível, já que esse pronome estaria livre em sua categoria de regência.

Negrão (1986) vai além e apresenta vários dados do português brasileiro que não são explicados pelo modelo de Regência e Ligação. Entre eles, estão assimetrias na interpretação de pronomes plenos em posição de sujeito de uma sentença complemento de um verbo como *querer* em oposição a um verbo como *acreditar*, e evidências de que a associação feita em Raposo (1984)⁷ para o português europeu entre o modo subjuntivo e a falta de traços [+Tempo] em Infl não se verifica no português brasileiro.

Com base neste conjunto de observações, Negrão (1986) conclui que:

- i. a caracterização dos tipos de orações completivas em termos de propriedades morfológicas – como infinitivo flexionado, ou não flexionado, indicativo, subjuntivo – não os tipos de categoria que podem ocupar a posição de sujeito dessas ora-

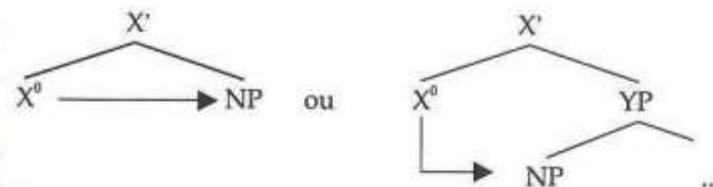
ções, nem suas propriedades temporais. Para Negrão, as formas morfológicas dos complementos encobrem diferentes tipos semânticos, que ela busca caracterizar por meio de um modelo que ficou conhecido como "Situation Semantics"; e

- ii. os dados do português do Brasil sugerem que os verbos em oração matriz devem ser separados em verbos de controle e verbos de não-controle. Os primeiros impõem restrições sobre as propriedades temporais de seus complementos e sobre a distribuição e interpretação dos sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito de seus complementos. Os segundos são verbos que podem ter complementos oracionais nos quais as propriedades temporais e a distribuição e interpretação de seus sujeitos sejam livres. Um verbo de não-controle, no entanto, pode também fazer restrições quanto a essas propriedades de seus complementos oracionais.^{8,9}

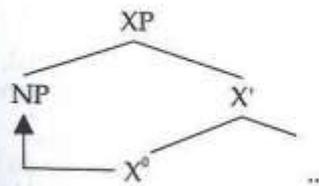
2.3 Orações encaixadas e a questão da atribuição de Caso à posição de sujeito

Dentro do modelo de Regência e Ligação, a atribuição de Caso a sintagmas nominais poderia ser feita das seguintes maneiras:

- i. sob regência, nas seguintes configurações:



- ii. sob concordância, em uma relação especificador/núcleo:



⁷ Raposo, E. (1984). On the inflected infinitive in European Portuguese. Ms., Universidade de Lisboa.
⁸ Sobre a questão da possibilidade de o português brasileiro poder apresentar sujeitos plenos, além de sujeitos vazios, em orações sem tempo e concordância, ver também o trabalho de Britto (1994) sobre orações gerundivas.
⁹ Para uma visão alternativa sobre as sentenças no subjuntivo, ver Santos (1996).

Em seu trabalho sobre a posição de sujeito, Figueiredo Silva (1996), ao analisar a impossibilidade de inversão sujeito-verbo em português do Brasil,¹⁰ trabalha com a hipótese forte de que essa língua não admite mais a atribuição de Caso nominativo sob regência. Para a autora, a atribuição de Caso nominativo, em português brasileiro, deve ser feita por concordância, numa relação entre especificador e núcleo. Entre as várias evidências que Figueiredo Silva apresenta para sustentar sua hipótese, ela apresenta o fato de o português brasileiro não apresentar construções "Aux-to-Comp". Nessas construções, o auxiliar atribui Caso nominativo ao sujeito lexical a partir do núcleo C⁰, em uma configuração de regência. A autora faz uma comparação entre, de um lado, certas estruturas encaixadas do italiano e do inglês, que admitem construções "Aux-to-Comp", e, de outro, seus equivalentes em português, para mostrar como essa língua não tem capacidade de atribuir Caso nominativo por regência. São três as estruturas encaixadas que são examinadas:

- i. a estrutura condicional em que, no italiano, o verbo auxiliar pode "substituir" o complementizador *se* é agramatical em português brasileiro:

[10] a) *Se lui avesse capito al volo, tutto serebbe andato bene.*

Se ele tivesse compreendido rápido, tudo teria ido bem.

- b) *Avesse lui capito al volo, tutto serebbe andato bene.*
**Tivesse ele compreendido rápido, tudo teria ido bem.*

- ii. orações completivas no subjuntivo do italiano que, no caso de o auxiliar preceder o sujeito, não admitem a presença do complementizador não são possíveis em português do Brasil:

[11] *Speravo (*che) fossi tu disposto ad aiutarci.*

**Eu esperava estivesse você disposto a ajudar a gente.*

- iii. orações completivas com um elemento negativo inicial, que no inglês determina a inversão auxiliar-sujeito, também não são possíveis em português brasileiro:

[12] *John said that under no circumstances would he do that.*

**O João disse que de jeito nenhum ia ele fazer uma coisa dessas.*

Ainda sobre a questão da construção "Aux-to-Comp", Figueiredo Silva mostra que, em contextos infinitivos em que o italiano desloca o auxiliar para C, o português brasileiro opta pela ordem sujeito-verbo no infinitivo:

- i. construções nominais que, em italiano, são precedidas por um artigo e exibem a inversão auxiliar-sujeito, em português, não admitem o artigo e exibem a ordem sujeito-auxiliar:

[13] a) *L[aver lui affermato che ti vuole aiutare] non implica che sei fuori dai guai.*

**O [terem eles afirmado que querem te ajudar] não implica que você está livre de problemas.*

b) **Il [lui aver affermato che ti vuole aiutare] non implica che sei fuori dai guai.*

[Eles terem afirmado que querem te ajudar] não implica que você está livre de problemas.

- ii. nas orações infinitivas com interpretação causal, introduzidas por uma preposição, o italiano usa a inversão do auxiliar para atribuir Caso nominativo sob regência, enquanto o português do Brasil não exibe esta ordem das palavras:

[14] a) *Il giudice è stato sospeso per [aver suo figlio commesso una grave imprudenza].*

**O juiz foi suspenso por [ter o filho dele cometido uma imprudência grave].*

b) **Il giudice è stato sospeso per [suo figlio aver commesso una grave imprudenza].*

??O juiz foi suspenso por [o filho dele ter cometido uma imprudência grave].

- iii. o italiano permite um sujeito lexical em orações infinitivas complementos de verbos declarativos e epistêmicos, em um nível estilisticamente marcado, desde que este sujeito seja precedido pelo auxiliar. Em português do Brasil, para alguns falantes, alguns verbos epistêmicos podem permitir um sujeito lexicalmente realizado em seu complemento infinitivo, mas a ordem dos constituintes na oração infinitiva vai ser sempre sujeito-auxiliar:

[15] a) *Mario afferma [non esser lui in grado di affrontare la situazione].*

b) **Mario afferma [lui non esser in grado di affrontare la situazione].*

¹⁰ A autora mostra que, quando existe a possibilidade de inversão, trata-se, na realidade, de complementos do verbo.

- [16] a) %O João pensou (d)a Maria ter guardado a grana no cofre.
 b) *O João pensou (de) ter a Maria guardado a grana no cofre.

Com esses dados, Figueiredo Silva conclui que, se por acaso, em português brasileiro, o auxiliar se desloca para C⁰ nas infinitivas, o sujeito obrigatoriamente sobe para a posição de especificador de CP, já que essa é a única configuração em que ele vai poder receber Caso nominativo.

2.4 O deslocamento à esquerda e as orações relativas

Desde os estudos diacrônicos de Tarallo (1983, 1985),¹¹ sabe-se que o português do Brasil conta com três estratégias de relativização, como mostram as sentenças em [17]:

- [17] a) A moça *com quem* falei ontem está aqui. : Relativa padrão
 b) A moça *que* eu falei *com ela* ontem está aqui. : Relativa copiadora
 c) A moça *que* eu falei ontem está aqui. : Relativa cortadora

Para Tarallo, em [17a], tem-se um pronome relativo *quem*, que prende uma variável. Já em [17b] e [17c], o *que* que aparece nas sentenças é um complementizador, igual ao que introduz as orações completivas. Nessas duas sentenças, a posição relativizada é ou ocupada por um pronome lexical ([17b]), ou por um pronome nulo ([17c]).¹²

Kato (1993), em seu estudo sobre as orações relativas,¹³ assume uma posição diferente da de Tarallo e hipotetiza que o constituinte *que* nos tipos de estruturas em [17b] e [17c] é um pronome relativo, extraído de uma posição não-canônica. A diferença que existe entre a estratégia em [17a] e as em [17b] e [17c] está na diferença entre as posições da variável. No caso de [17a], Kato propõe que a relativização opera diretamente sobre o objeto do verbo. Para o caso das relativas copiadora e cortadora, a autora propõe a posi-

ção da variável presa a este pronome relativo é a de deslocado à esquerda, gerada na base. Portanto, é crucial para Kato provar que as estratégias de relativização copiadora e cortadora do português do Brasil partem de uma estrutura de deslocamento à esquerda. Vejamos como ela sustenta sua hipótese para dar conta da relativa copiadora.

Kato parte da assunção de que a estrutura de deslocamento à esquerda é caracterizada pela presença de um pronome resumptivo no interior do IP:

- [18] a) Eu falei com essa moça ontem.
 b) [Essa moça]_i, [eu falei com ela_i ontem].

Se a relativização se dá a partir da posição do deslocado à esquerda, e não de posições internas a IP, fica explicada a presença de pronomes resumptivos dentro das relativas.

- [19] A moça [_{CP} que_i [_{IP} t_i] [eu falei com ela_i ontem].

Essa estrutura explica por que o pronome resumptivo tem uma interpretação de variável: ele é co-referente com o vestígio na posição de deslocado à esquerda, que, por sua vez, está preso ao pronome relativo.

Uma primeira evidência que Kato tem para sua proposta é a de que a falta do efeito de ilha que se observa nas relativas copiadoras, analisada por Tarallo como indício de falta de movimento, deve-se ao fato de que uma variável em posição de deslocado à esquerda pode manter uma relação de co-referência com pronomes distantes, cruzando barreiras. Observe-se o contraste em [20]:

- [20] a) *[A moça_i [_{CP} com quem_i [eu penso [_{CP} que o moço [_{CP} que falou t_i] esteve ontem aqui]]]]].
 b) [A moça_i [_{CP} que_i [_{IP} t_i] [eu penso [_{CP} que o moço [_{CP} que falou com ela_i] esteve aqui ontem]]]]].

Em seguida, Kato parte de exemplos de Pontes de estruturas com deslocado à esquerda para mostrar que é inequívoca a indicação de que a relativização se dá a partir dessas posições:

- [21] a) Esse buraco_i taparam ele_i outro dia.
 a') O buraco que taparam ele outro dia...
 b) Essa cerveja_i, eu não gosto ∅_i.
 b') A cerveja que eu não gosto...

¹¹ Tarallo, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania.

Tarallo, F. (1985) "The filling of the gap: Pro-drop rules in Brazilian Portuguese", in L. King & C. A. Mahley, eds., *Selected Papers from the XIII Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins.

¹² Cf. Negrão (1999), que também considera o item *que* das relativas um complementizador, mas que entende a posição relativizada como sendo ocupada pelo vestígio de um constituinte movido de dentro de IP. Ver item 2.1 acima.

¹³ Os trabalhos de Negrão (1992) e Viotti (1999) tratam de orações relativas no que concerne a seu escopo em relação ao núcleo nominal e ao determinante/quantificador.

- c) O seu regime_i entra muito laticínio \emptyset_i ?
 c') O regime que entra muito laticínio...
 d) As cadeiras optativas_i cê precisa ter um conhecimento \emptyset_i bom antes.
 d') As cadeiras optativas que cê precisa ter um conhecimento bom primeiro..

Ao procurar estabelecer a exata configuração do elemento deslocado à esquerda, Kato observa que, apesar de, em orações relativas, o resumptivo poder aparecer na oração imediatamente adjacente à cabeça da relativa, nas perguntas, isso nem sempre é possível. Comparem-se as sentenças em [22]:

- [22] a) **Que livro a Maria comprou ele?*
 b) *Que livro você acha que conhece a autora que escreveu ele?*

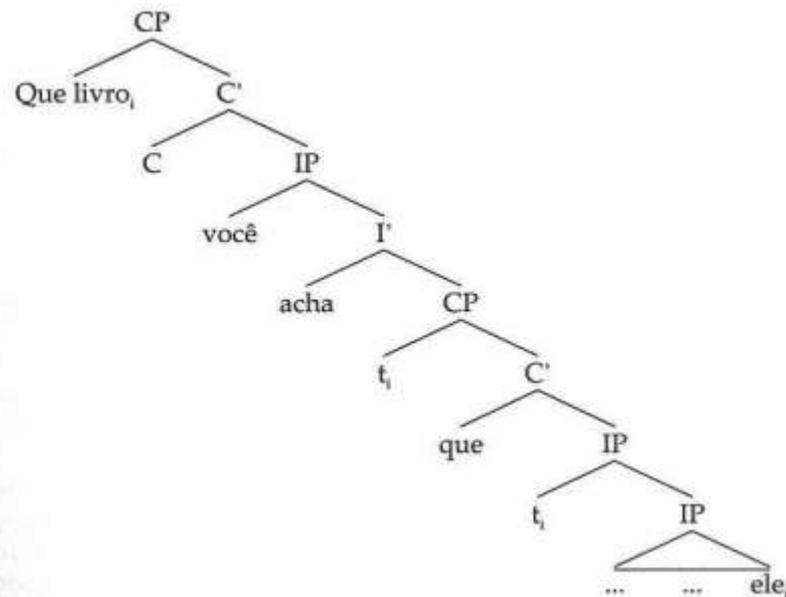
Examinando a agramaticalidade de [22a], Kato se pergunta se não seria impossível uma posição de deslocado à esquerda dentro de uma pergunta-QU. Entretanto, ela mostra a seguir que, se o deslocado aparecer antes do pronome-QU, o resumptivo fica natural:

- [23] a) O livro, pra quem a Maria comprou ele?
 b) As crianças, onde a Maria vai pegar elas?

O que parece estar em jogo, portanto, é que, enquanto em [22a] o constituinte deslocado à esquerda está em adjunção a IP, em [23], ele está em adjunção a CP. Com isso, a agramaticalidade de [22a] se explicaria pela impossibilidade, já atestada por Chomsky, em *Barriers* (Chomsky, 1986), de adjunção a IP. Mas essa não pode ser a história toda. Em português do Brasil, a adjunção do deslocado à esquerda só não é possível com perguntas, mas pode ocorrer tanto com completivas quanto com relativas:

- [24] a) Pedro pensa que, (quanto a) as crianças, a Maria vai pegar elas.
 b) O menino que, (quanto a) os pais, a escola tem dúvidas se eles vêm ou não é justamente o Carlos.

Ao se comparar sentenças como as em [24] com a interrogativa em [22b], a idéia que se tem é a de que a gramaticalidade de um pronome resumptivo em uma pergunta-QU como [22b] está relacionada à possibilidade da adjunção à IP por um constituinte deslocado à esquerda. A palavra-QU seria extraída desta posição, pousando antes na posição de especificador de CP.



Portanto, a agramaticalidade de [22a] parece ser devida ao fato de, em sentença raiz, a adjunção do elemento deslocado à esquerda se fazer a CP e não a IP. Kato conclui, assim, que, em português do Brasil, existem duas possíveis configurações para o deslocamento à esquerda: em orações matrizes, o elemento deslocado à esquerda está em adjunção a CP, enquanto que em orações subordinadas, a sua configuração é de adjunção a IP.¹⁴

3 Perspectivas

A história da Gramática Gerativa de linha chomskyana tem demonstrado que essa é uma teoria dinâmica, no sentido de que os modelos de análise com que ela opera vão sendo revistos à medida que novas descobertas sobre as línguas naturais vão sendo feitas. É preciso salientar, no entanto, que os princípios fundamentais sobre os quais a teoria se assenta têm se mantido os mesmos desde seu início e têm se mostrado cada vez mais corretos.

¹⁴ Em sua nota 8, Kato diz que não pretende investigar, nesse trabalho, o motivo pelo qual não pode ocorrer deslocamento à esquerda na sentença raiz de perguntas-QU. Mas sugere que a resposta deve também explicar por que a sentença (i) é possível, mas não a (ii):
 i. Ontem você viu quem?
 ii. *Quem ontem você viu?

No começo dos anos 90, novos modelos de análise de fatos gramaticais começaram a ser estruturados. Entre eles, são fundamentais o programa minimalista, de Noam Chomsky (Chomsky 1995, 1998, 1999), e o modelo da anti-simetria da sintaxe, de Richard Kayne (Kayne, 1994). Com as mudanças propostas por esses e outros programas, novas perspectivas estão se abrindo para a análise dos fatos das línguas naturais. E já teve início o empreendimento de aplicação desses novos modelos, que se traduz na descoberta de novos fatos lingüísticos, na sua análise, na reanálise de fatos já há muito tempo estudados e na revisão de questões levantadas por vários trabalhos desenvolvidos em modelos anteriores.

Portanto, é de se esperar que um novo conjunto de propostas que leve em conta a articulação de orações, feitas pelos membros do GT em Teoria da Gramática, venha a público em breve.

Vários trabalhos de membros efetivos do GT em Teoria da Gramática já estão em andamento, alguns dos quais são de meu conhecimento. Um deles é a análise de Jairo Nunes e Eduardo Raposo sobre o infinitivo flexionado do português, uma versão preliminar da qual já foi apresentada para discussão, na Universidade Estadual de Campinas. Outro é a dissertação de mestrado de Marcelo Barra Ferreira, da Universidade Estadual de Campinas, que trata, entre outros assuntos, da relação entre hiperálçamento e sujeito nulo. De Marina Augusto, também da Universidade Estadual de Campinas, há a tese de doutorado em andamento, já mencionada na nota 6, sobre a extração de ilhas factivas. A dissertação de mestrado de Cristina Ximenes, da Universidade Estadual de Campinas, ainda em fase inicial, vai tratar da coordenação. E Esmeralda Negrão e eu estamos desenvolvendo um novo trabalho sobre complementação, que procura solucionar as questões levantadas em Negrão (1986), algumas das quais foram abordadas aqui, por meio do modelo do Léxico Gerativo, de Pustejovsky (1995), e das propostas sobre "type-shifting". Uma versão preliminar desse trabalho também já foi apresentada para discussão na Universidade de São Paulo.

4 Conclusão

Esta retrospectiva dos trabalhos feitos dentro do modelo da Gramática Gerativa sobre a articulação de orações mostra que o português do Brasil apresenta dados interessantes e relevantes para a abordagem desse tema. Mais do que isso, os dados do por-

tuguês constituem, muitas vezes, um desafio à formulação dos princípios da gramática, sugerida com base no estudo de outras línguas. Portanto, os fenômenos relativos às estruturas de complementação do português devem continuar a ser estudados – ou ser mais estudados – não só para contribuir com a descrição de nossa língua, mas também para fazer avançar a teoria gramatical.

Referências

- AUGUSTO, M. R. A. (1994) *Fatores Envolvidos na Extração dos Adjuntos-Q*. Dissertação de mestrado, Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas.
- . (em preparação) *A Ilha Factiva: Restrições ao Movimento*. Tese de Doutorado. Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas.
- BRITTO, H. (1994) *Sentenças Reduzidas do Português do Brasil e a Teoria do Caso*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas.
- CHOMSKY, N. (1986) *Knowledge of Language. Its Nature, Origin, and Use*. Cambridge (EUA): The MIT Press.
- . (1986) *Barriers*. Cambridge (EUA): The MIT Press
- . (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge (EUA): The MIT Press.
- . (1998) "Minimalist Inquiries: The Framework". *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Department of Linguistics, MIT, Cambridge (EUA).
- . (1999) *Derivation by Phase*. Ms., Department of Linguistics, MIT, Cambridge (EUA).
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996) *A Posição Sujeito do Português Brasileiro*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- FERREIRA, M. B. (2000) *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas.
- KATO, M. A. (1993) Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica. Em M. A. Kato & I. Roberts, orgs., *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*, 223-261. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- & J. RAMOS (1997) Trinta Anos de Sintaxe Gerativa no Brasil. *DELTA* 15 (número especial), 105-146.
- KAYNE, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge (EUA): The MIT Press

NEGRÃO, E. V. (1986) *Anaphora in Brazilian Portuguese Complement Structures*. Tese de Doutorado, University of Wisconsin, Madison.

———. (1992) 'Tem uma história que eu quero contar que começa assim': Peculiaridades de uma Construção Existencial. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22, 81-90.

———. (1999) *O Português Brasileiro: Uma Língua Voltada para o Discurso*. Tese de Livre-Docência, Departamento de Lingüística, Universidade de São Paulo.

———. & VIOTTI, E. (1999) *Complement Structures in Brazilian Portuguese*. Ms., Universidade de São Paulo.

———. & ————. (2000) Brazilian Portuguese as a Discourse-Oriented Language. Em M. A. Kato & E. V. Negrão, orgs., *Brazilian Portuguese and The Null-Subject Parameter*, 105-125. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.

NUNES, J. M. & E. P. RAPOSO (1997) Inflected Infinitive in Portuguese: Evidence Against AGR. Comunicação apresentada no *Workshop de Teoria Gramatical: Problemas nos Níveis de Interface*, em agosto de 1997, Campinas. Universidade Estadual de Campinas/University of Southern California.

PUSTEJOVSKY, J. (1995). *The Generative Lexicon*. Cambridge (EUA): The MIT Press

SANTOS, J. da S. (1996). *Ligação Não-Seleativa de Subjuntivos: Suas Implicações na Gramática*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas.

VIOTTI, E. (1999). *A Sintaxe das Sentenças Existenciais do Português do Brasil*. Tese de Doutorado, Departamento de Lingüística, Universidade de São Paulo.